

VISÃO POLÍTICA DE GOETHE

(Por ocasião do sesquicentenário da morte de Goethe)

Horst Nitschak

Falar sobre a visão política de Goethe exige, em primeiro lugar, algumas reflexões como definir o conceito do político.

Político pode ser entendido no sentido estrito compreendendo, neste caso, tudo aquilo que se relaciona com a vida política de um país, ou seja, a política comunal, nacional e internacional e as ciências políticas.

No entanto, político pode ser entendido num sentido mais amplo: no sentido do homem como 'homo politicus', o que implica que todas as suas atividades e criações têm também um caráter político.

Partindo desta segunda definição, nós não só considerariamos Goethe no seu contexto político como conselheiro e ministro do duque e, mais tarde, grão-duque Carlos Augusto; nós não só examinariamos as suas posições políticas frente aos acontecimentos históricos da sua época — a revolução francesa e as guerras napoleônicas — mas, a um tempo, se imporá a discussão das implicações políticas de sua concepção estética, do seu mundo poético, e mesmo dos seus artigos sobre as ciências naturais, isto é, da implicação política da sua cosmovisão — Weltanschauung — como um todo.

Esta indagação não tem apenas caráter teórico: ela já mostra a história atual e a tentativa dos dois estados alemães — tão diversos nos seus sistemas sociais e políticos — disputando o poeta Goethe (não tanto o homem político e o cientista) para si.

Para a RDA Goethe é o maior pensador e poeta alemão; sua concepção humanística é a base do Comunismo socialista e da ideologia esposada na RDA. Goethe figura como precursor da estética socialista e da sua concepção da dialética entre o particular e o geral. Goethe é tido como o poeta e pensador que compreendia os princípios do materialismo dialético, de uma maneira intuitiva, e

o realismo nas suas obras. Por isso Goethe é hoje o autor mais lido em todas as escolas da RDA.

A situação é bem diferente na RFA: embora os institutos culturais da RFA no mundo inteiro tenham o nome do grande clássico — chamam-se Institutos Goethe — e desta maneira ela liga ao seu nome o que gostaria de comunicar da sua própria cultura aos outros povos, apesar disso a nossa relação com Goethe é incerta.

Certo que algumas das obras mais importantes de Goethe fazem parte da leitura nas escolas, principalmente Fausto, Iphigénie, os sofrimentos do jovem Werther e algumas poesias. Em nosso Estado também ele é testemunha do humanismo da época do iluminismo, mas não fica tão integrado numa cosmovisão política como na RDA.

Ele é parte da nossa história, mas não é ponto crucial. Principalmente a geração mais jovem não está disposta a prestar-lhe uma veneração tão pouco crítica como se faz na RDA.

E o paradoxo está em que, na RFA, a crítica deste clássico ilustre surge da esquerda, de cientistas e críticos que se posicionam com seus pensamentos e idéias à esquerda.

Eles o acusam de falta de radicalismo, pensando na reação dele à revolução francesa; para eles Goethe é representante de uma Innerlichkeit, interioridade que está disposta a assumir facilmente compromissos para evitar conflitos: pensa-se, neste caso, no pacto de Goethe com a nobreza (aristocracia), nas suas estreitas relações de amizade com o duque Carlos Augusto.

Além disso, eles não esquecem uma certa arrogância do Goethe da época clássica, que ignorou ou depreciou outros poetas contemporâneos, que não obedeceram aos seus ideais clássicos, poetas como Holderlin, Kleist, Jean Paul e outros.

Esta introdução deveria evidenciar que o questionamento sobre a posição e idéias políticas de Goethe é uma questão muito atual e que na Alemanha, as opiniões sobre elas são acentuadamente contraditórias.

Pretendo tentar dar-lhes hoje uma modesta contribuição para esclarecer como é possível, possam os textos de Goethe ser interpretados, nas suas implicações políticas, tão diferentemente.

Em 1774 fazia 11 anos que a grande guerra européia, que também teve lugar na América do Norte, havia terminado; esta guerra consolidou a hegemonia (supremacia) da Prússia do lado do Império Austro-Húngaro dentro da nação alemã então muito dividida (esfacelada). Um povo que contava estados quase inumeráveis.

Os principais escritos do iluminismo francês estão por essa época editados e divulgados.

O iluminista alemão — Lessing — escreveu, então, peças amargas contra a aristocracia feudal, que suprime a burguesia com todas as suas esperanças e reivindicações históricas. As primeiras peças de teatro do 'Sturm u. Drang' (tempestade e ímpeto) vêm a lume (Lenz Hofmeister 1774), criticando as condições sociais no palco mesmo.

Neste momento histórico, uma história de amor com desfecho trágico abala, como um raio, o público literário da época: Os sofrimentos do jovem Werther: um jovem apaixonado por uma moça que já está noiva de outro. Obrigado a renunciar-se a ela, ele renunciará à própria vida. Tudo isso num romance epistolar cheio de sentimentos subjetivos, até pré-românticos.

Quase nada da opressão do povo pela aristocracia; nada da situação histórica desesperadora da burguesia; nada de conversas ou discussões sobre idéias iluministas: uma estória de amor de caráter (privado) pessoal, com o desfecho mais pessoal possível: o suicídio. Apesar disso, Werther será o romance de confissão duma geração inteira.

O suicídio literário tornar-se-á suicídio real no caso de leitores desesperados. A melancolia de uma década encontra o seu representante: Werther.

Como o romance encontrou uma tal receptividade?

Não se trata evidentemente duma estória de caráter particular como parece à primeira vista, pois, como se explicaria, nesse caso, o seu sucesso tão fulminante?

O mais importante me parece ser o fato de que o herói nunca está completamente sozinho, nem na felicidade nem no desespero, a natureza sempre se encontra em torno dele em correspondência com a sua felicidade e o seu sofrimento.

Werther se sente como uma parte, um pedaço bem pequeno dum contexto maior, a que Goethe mais tarde chamará de *o cosmos*, e que terá uma importância muito grande na obra e no pensamento dele. O fracasso do seu amor por Lotte reflete-se na natureza enlutada (aflita) mesmo. A certeza de que o herói permanece fazendo parte de um universo maior até o fim e de que não o abandonará, mesmo quando ele está no auge do desespero, funcionando, isso sim, como um espelho de seus próprios sentimentos; esta certeza da participação da natureza em favor do herói é, para o público em geral, mais importante do que o fracasso e a destruição dele.

Por isso esse acontecimento, o suicídio, não é simplesmente terrível, mas, no sentido clássico, muito mais trágico.

O destino de Werther é, uma das opções, até mesmo uma das necessidades do plano cósmico em todas as suas fases.

Isso é para o indivíduo burguês alemão e a consciência do seu valor, quase um sinal.

Apesar de todo o atraso político e social da situação alemã, dos Estados pequenos e minúsculos até, da opressão e expropriação pelos príncipes e senhores feudais, através da censura, da administração ultrapassada, dos excessos policiais, do clero conservador, apesar de tudo isso, a burguesia consegue encontrar uma razão para um otimismo e uma esperança histórica: a natureza.

Essa natureza encontra a sua formação e o seu desenvolvimento mais perfeitos no homem, que por sua vez a transforma, através da atividade humana e planejada, em *cultura*.

Essa concepção da natureza e a sua relação com o homem ativo tem, nas condições alemãs, uma dimensão eminentemente política: ela cria para a burguesia do iluminismo uma consciência do seu próprio valor, uma consciência de valor que não corresponde diretamente às condições políticas; como escreve Kant: são "o céu estrelado sobre nós e a lei moral dentro de nós — não as circunstâncias — que norteiam nossas ações".

Mas não apenas na concepção da natureza se encontra, no romance Werther, uma noção que vai ser essencial para o pensamento e os textos de Goethe. Ao lado da natureza exterior que envolve Werther, o destino dele se determina por mais uma força que se acha dentro dele mesmo e que é exclusivamente humana: o amor.

Em nome deste amor, Goethe critica muitas vezes, nos textos dele, as convenções sociais duma sociedade ultrapassada. O amor é justificação das reivindicações do indivíduo para realizar-se, ele é a instância suprema que condena as convenções duma sociedade feudal, em que o indivíduo fica submetido rigorosamente à coletividade, ao passo que o pensamento do iluminismo defende os direitos do indivíduo, do particular contra a totalidade.

Essa concepção ideal, bem como a vida real de Goethe constituiu um escândalo na segunda parte do século XIX impregnado do puritanismo vitoriano.

Goethe foi acusado de imoralidade. Para a Igreja, isso foi mais um argumento para não aceitá-lo, ele que já era suspeito de adepto do ateísmo, por causa de suas idéias sobre a natureza.

O amor é a única força a conciliar as contradições nas quais o indivíduo burguês se acha envolvido. Isso se comprova no final do Fausto II (segundo).

Já essa primeira referência a um texto de Goethe — os sofrimentos do jovem Werther — mostra: quanto mais se atribui aos seus textos uma qualidade literária, poética; quanto menos entram neles categorias políticas, tanto mais os valores apresentados são generalizados e de validade eterna. Mas isso não significa que,

na confrontação com a realidade histórica, eles não se tornem conceitos políticos como eu tentei demonstrar no caso dos conceitos 'natureza' e 'amor' no romance Werther.

Um ano depois da publicação do Werther, 1775, Goethe vai acompanhar o duque Carlos Augusto a Weimar. Ele será o seu conselheiro mais próximo, com funções de ministro.

Agora Goethe tem influência direta nos negócios do Estado, dum pequeno estado alemão: ele administra as áreas das minas, do exército e, mais tarde, também do teatro e da educação.

Os críticos de Goethe vêm nessa sua ligação com o duque, mais tarde grão-duque Carlos Augusto, uma das confirmações maiores para a incriminação de conservatismo e da união real e ideológica dele com a aristocracia feudal. Goethe afasta-se dos grandes centros iluministas da Alemanha: Frankfurt, Hamburgo, Berlim, Leipzig. E vai atuar na pequena cidade Weimar, um ambiente modesto, limitado, mas onde a sua autoridade é reconhecida.

Ele assume uma atitude que vai determinar muitas das suas personagens literárias (à exceção do Fausto e do Goetz von Berlichingen): a retirada do processo indomável e imprevisível da história geral para uma área social restrita, talvez estreita, mas influenciável, que pode ser modelada pela sua atividade.

Essa renúncia voluntária que, em nenhum momento, deve ser confundida com resignação, é muitas vezes objeto de protesto por parte dos partidários dum iluminismo radical.

Nesta restrição política e regional, Goethe consegue realizar seu amplo conceito numa atividade humanista: pesquisas científicas na área da natureza (estudos de geologia), aperfeiçoamento na área da medicina e da psicologia, criação literária. É a criação artística, que tem para ele o supremo valor.

A sua decisão é, a um tempo, clara e dialética: apenas na restrição é possível uma formação humana geral, essa formação humanística geral, que deveria ser o alvo de cada ação política, não o contrário, que as ações políticas destruam um comportamento humano.

Partindo daí Goethe vai espontaneamente condenar a revolução francesa: 1789.

Enquanto a inteligência alemã, com Hegel, Holderlin, Fichte Forster e outros, segue, com entusiasmo e inveja, o desenvolvimento do outro lado do Reno, Goethe rejeita firme e resolutamente essas atividades.

Numa conversa com Eckermann, na qual ele lança um olhar retrospectivo sobre aquela época, ele dirá 35 anos mais tarde:

"De fato eu não podia concordar com a Revolução Francesa, pois os seus horrores estavam bem próximos de mim, causando-me revolta a toda hora e todo dia, enquanto as suas conseqüências

benfazejas, ainda não se podiam divisar. Ademais não podia ficar indiferente ante o fato de, na Alemanha, se aspirar a reproduzir artificialmente semelhantes cenas que, na França, resultavam de uma vital necessidade”.

Para Goethe a revolução só é aceitável a partir do momento em que ela ostenta o nome de Napoleão, isto é, no momento em que as suas tendências democráticas e republicanas radicais são destruídas. Napoleão como imperador não será para Goethe, como para muitos outros intelectuais, um escândalo histórico, mas o início de uma época nova.

A atitude de Goethe frente à revolução francesa, bem como o conceito que dela faz, exprime-se em vários textos literários:

1792 Der GroBcoptha (Chefe duma congregação secreta)

1793 Der Burgergeneral (O general cidadão)

e, no mesmo ano, Die Aufgeregten (Os excitados, agitados).

É significativo que a reação de Goethe a este acontecimento histórico se exprima em três comédias de valor literário secundário. Na comédia “GroBcoptha” os acontecimentos revolucionários são o resultado das intrigas de um impostor, cujas atividades terminam graças à atitude circunspecta duma condessa.

Na comédia “Burgergeneral” os acontecimentos da revolução francesa, com os seus representantes típicos, são transferidos a uma cidadezinha de província alemã e, desta maneira, tudo é ridicularizado.

Do mesmo modo, na comédia “Die Aufgeregten” as manobras pseudo-revolucionárias numa aldeia são pacificadas pela intervenção prudente duma princesa liberal.

As três comédias têm em comum o fato de acontecimentos da Revolução Francesa serem levados para a Alemanha e se tornarem, desta maneira, uma farsa.

A Revolução Francesa não é criticada diretamente, mas sim a sua imitação em pequenos Estados alemães.

Isso corresponde à posição que Goethe, como já se viu, defendeu, 35 anos mais tarde:

“Também não podia ficar indiferente ante o fato de, na Alemanha se aspirar a reproduzir, artificialmente, cenas semelhantes que na França, eram conseqüência de uma vital necessidade”. (Pág. 5)

Os franceses têm, de certo modo, direito a uma revolução, mas os alemães não, para eles a sua “reprodução” seria artificial.

E isso porque, na perspectiva de Goethe, as condições sociais e políticas da Alemanha não eram tão más como na França.

O que era talvez a realidade para o pequeno Estado de Weimar, foi transferido por Goethe para a Alemanha inteira: um príncipe iluminado, preocupado com o bem do seu povo.

Isso indica uma segunda generalidade nas três comédias: em todos os três casos representativos de uma nobreza iluminada e liberal suprimem-se as atividades revolucionárias para proteger o povo.

Isso corresponde a um epigrama que Goethe redigiu, durante a sua viagem italiana, surpreso pelos acontecimentos revolucionários na França: "Triste destino da França: oxalá os grandes meditem isso;

No entanto, é aos pequenos que cumpre mais ainda refletir a respeito.

Grandes sucumbiram: mas quem protegeu a multidão.
Contra a multidão? A multidão foi tirana de si mesma."

A citação fala em multidão, não fala de povo ou das massas. Mas a posição ideológica fica evidente: não é a multidão, não é o povo que consegue proteger-se a si mesmo, mas eles precisam dum protetor e esse protetor se acha — como indicam as comédias — no príncipe iluminado.

Goethe assume uma posição humanística, preocupando-se com o povo, mas sem confiança nele que é, na sua opinião, irresponsável e carente de emancipação. Goethe recusa todas as idéias radical-democráticas que foram comuns aos seus contemporâneos, às quais ele se refere numa carta, com as seguintes palavras:

"Devo afirmar que alguns amigos se comportam, agora, duma maneira que chega às raias da loucura".

Goethe não defende o existente a qualquer preço, ele quer uma transformação perpétua para o melhor, convencido de que essa transformação seja quase uma lei natural e de que a tarefa mais digna do homem é contribuir para essa transformação.

Ele não é o amigo do existente, mas 'odeia a revolução' (Gespr. 4.1.1824). Ela ameaça a sua concepção social; "sua missão na área do humano" e a sua idéia "da personalidade atuando no seu próprio cerco", estava ameaçada de ser destruída. Na questão cultura ou barbárie — e Revolução significava para Goethe barbárie — ele não deixou dúvida nenhuma sobre onde se situava, mesmo a preço da assim chamada 'liberdade, igualdade, fraternidade'.

Essa revolução tão odiada não é culpa do povo, mas do governo. O povo deve ser protegido contra a revolução pela assistência dos príncipes iluminados.

A revolução para Goethe não é, como para os contemporâneos iluministas, o resultado da consciência política de um povo consciente do seu próprio valor, não, a revolução é apenas provocada por um mau governo: (citação) "Revoluções são totalmen-

te impossíveis, desde que os governos sejam sempre justos e estejam sempre vigilantes para providenciá-las com melhoras, e não hesitem demais até que o inelutável seja forçado de baixo para cima!"

Em alguns outros textos literários da última década do século XVIII essa posição política se encontra confirmada:

Vamos mencionar mais dois que, ao contrário dos textos acima citados, fazem parte dos textos literários de reconhecido valor: Herman e Dorothea, e a Filha Natural.

No primeiro texto, 'Herman e Dorothea', trata-se dum idílio épico: à desordem revolucionária da França se opõe a ordem e a tranqüilidade da província alemã. As comédias desenvolvem, em primeiro lugar, uma crítica, que contém, antes de tudo, uma concepção histórica positiva que condena a revolução.

Isso já se demonstra pela forma literária: o metro rígido e épico desta poesia representa, por si mesmo, um mundo de ordem e harmonia, exprimindo pela própria forma a situação histórica e social de uma tranqüila cidadezinha alemã. A poucos passos dela, um grupo de emigrantes da revolução está acampando.

Desta maneira, os habitantes da cidadezinha se confrontam com este grupo, sendo forçados a reagir a ele, fugindo do caos e da barbárie.

E eles atuam de acordo com o ideal humanista de Goethe: os cidadãos trazem alimentação, roupa e todo o tipo de ajuda para os emigrantes.

Herman — o nome é paradigmático e alude ao primeiro herói nacional alemão, Herman o Cherusker — encontra aí Dorothea — dádiva de Deus — apaixonada-se por ela, que corajosamente protegera os seus contra a revolução, e se casa com ela, para integrá-la na ordem (estável) do seu mundo.

E o texto termina com uma confissão e, em sentido lato, uma programação política: Herman declara, por ocasião do casamento com Dorothea:

"Em meio à comoção geral, seja tanto mais firme,
Dorothea, a união. Queremos subsistir e sobreviver,
Permanecer firmes e assegurar a propriedade dos preciosos bens.
Pois o homem que, numa época de hesitações, se porta também hesitante,
Aumenta o mal e o propaga sempre mais;
Mas aquele que se porta com obstinação constrói para si o mundo.
Não é digno do alemão levar avante o terrível
Movimento e também ficar oscilando para lá e para cá.

Isso é nosso! Afirmemo-lo alto e bom som!
Pois ainda são constantemente exaltados os povos de-
cididos,
Que lutaram por Deus, pelas leis, pelos pais, esposas
e filhos,
E sucumbiram unidos contra o inimigo."

Agora a emigrante está integrada no mundo estável de Herman.
A sua união (Bund) se faz com as palavras: "Queremos subsis-
tir e sobreviver, permanecer firmes e assegurar a propriedade dos
preciosos bens". E os seguintes versos vão exaltar essa atitude co-
mo digna da humanidade em geral: porque "o homem que, numa
época de hesitação, se porta também hesitante, aumenta o mal e o
propaga sempre mais".

E, no terceiro passo, essa atitude se transfere para a situação
alemã e, em particular, para o povo alemão: "Não é digno do ale-
mão levar avante o terrível Movimento e também ficar oscilando
para lá e para cá".

Herman e Dorothea se tornam, desta maneira, figuras exem-
plares para todos os alemães: analisando o contexto destes versos,
se percebe não serem eles tão conservadores como parece, à pri-
meira vista.

Refutando a Revolução Francesa e sua desordem, o Goethe
desenvolve um programa para a Alemanha que ultrapassa a situa-
ção real e histórica: o programa para a unificação e para a união
dos Estados alemães.

Um programa deste tipo condena o sistema ultrapassado e de
visão estrita dos pequenos Estados, volta-se contra os quase in-
umeráveis pequenos príncipes que, perseguindo os próprios interes-
ses, se descuidam dos interesses do povo alemão como um todo!

A idéia de Goethe foi a de que a ameaça da França obrigava,
a Alemanha a ultrapassar os limites e restrições históricas dos pe-
quenos Estados e dos interesses particulares de cada príncipe, de
modo que o povo poderia unir-se numa nação dirigida por um só
imperador, pois o 'Santo Império Romano da nação alemã', que
reuniu formalmente os Estados alemães sob a coroa do imperador
Francisco II, existiu mais no papel do que na realidade política.

Quando, em 1806, esse império não se reúne, mas fracassa
nas guerras napoleônicas, Goethe, como muitos intelectuais ale-
mães, decidir-se-á por Napoleão, agora o representante duma ordem
nova que não pode ser criada para a Alemanha mesma.

Mas antes, num outro texto literário, Goethe se pronuncia,
mais uma vez, a propósito da Revolução Francesa, no drama 'A Fi-
lha Natural'. Ele constitui sua tentativa mais distanciada e mais ela-
borada quanto a esse objeto:

No seu diário ele anota em 1799:

"No plano eu preparava um recipiente para mim mesmo, no qual se esperava colocar, com a devida seriedade, o que no correr de tantos anos havia escrito e pensado sobre a Revolução Francesa e suas conseqüências" (Pág. 7)

Depois desta observação, já surpreende um primeiro relance sobre as personagens da tragédia:

Elas todas são figuras abstratas desligadas da história concreta: o rei, o duque, o conde, etc. Apenas a heroína da peça tem o seu próprio nome: Eugenie; nenhuma relação direta com as personagens históricas da revolução, nenhuma relação com cenas reais. Tudo é elevado a um nível geral e poético. E nesse nível, naturalmente, não há lugar para o povo, que pelo menos participou desses acontecimentos.

O problema da revolução surge em estreita conexão com a moral das camadas altas. E mais uma vez esta peça recorre à idéia do rei iluminista, que precisa do apoio duma classe aristocrática de alta formação moral e cultural.

Há boas razões para isso: o teatro — como toda a literatura de Goethe — foi escrito para uma aristocracia, se não de nascimento, ao menos de espírito, isto é, a burguesia iluminista.

Por conseqüência, é exatamente essa camada social, representada no palco, que pertence a um teatro de formação moral e cultural. E nesse palco se colocam os representantes do próprio público e não os representantes duma classe social diferente, sem representação no auditório, isto é, o povo.

Em 1808 houve um encontro de Goethe com Napoleão em Weimar. Goethe fica impressionado e cheio de admiração.

Em 1815, sete anos depois, ele escreve 'Epimenides', uma peça em honra do rei da Prússia e em comemoração ao primeiro aniversário da vitória dos aliados sobre Napoleão.

As empolgações políticas de Goethe são de acordo com os fatos históricos. Essa é a última peça de Goethe que entra diretamente em discussão política.

Nos últimos 17 anos, ainda cheios de criatividade, ele se dedica a si mesmo: Retrospectivas (uma outra vez a Revolução no Texto: A Campanha na França); textos autobiográficos (Poesia e Verdade); Complementação de sua própria cosmovisão (O Diwan Leste-Oeste) e, sobretudo, a conclusão da sua obra literária, em primeiro lugar Fausto, segunda parte.

Antes de terminar, gostaria de lançar um olhar sobre o último ato da tragédia:

Fausto chegou a ser um latifundiário e comerciante riquíssimo.

Com a ajuda de Mephistopheles e seu bando, ele conquistou vastas extensões no litoral e fertilizou-as. Sua frota, dirigida pelo

próprio Mephistopheles, traz consigo todas as riquezas do mundo.

No seu pacto com o diabo, Fausto permanece uma figura realista, mais do que isso, ele é representante dum progresso elogiado pela ideologia burguesa.

Mephistopheles enumera os méritos históricos dele:

“A alta sabedoria é coroada:
A costa está reconciliada com o mar.
Da costa o mar acolhe os navios,
De bom grado, para um curso veloz.
Declara, pois, que daqui do palácio
O teu braço se estende sobre o mundo inteiro!
Nesse lugar é que tudo começou:
Aqui estava a primeira casa de madeira;
Uma fenda pequena foi aberta para baixo,
Onde agora o barco laboriosamente corta as ondas
O teu alto espírito, o esforço dos teus
Conquistaram a recompensa do mar e da terra.”

Esses versos poderiam ser escritos para o elogio absoluto dum latifundiário e comerciante burguês. Mas aqui se trata do discurso do próprio Mephistopheles.

Há 150 anos atrás, Goethe já suspeitava duma dominação da natureza, que tinha como alvo apenas o lucro. Não que ele tenha previsto as conseqüências duma atitude similar que nos outros vivenciamos hoje, mas porque essa atitude contradiz a sua ‘filosofia da natureza’ que não objetivava a dominação da natureza em si, mas um entendimento com ele e a sua transformação em cultura e não em lucro.

Mas mesmo o lucro não representa para Fausto o último objetivo: pois qual seria o motivo de se revoltar tanto contra a pequena morada idílica dum velho casal: Philemón e Baucis:

Fausto se dirindo a Mephistopheles:

“Os velhos lá de cima deviam retirar-se,
As túlias eu as desejo como morada;
As poucas árvores, que não me pertencem,
Me estorvam a posse do mundo;”

Não só o lucro, mas a dominação e recuperação total se torna o último alvo de Fausto.

O dono do mundo fica aborrecido com esse singelo idílio e projeta a mudança forçada do casal.

Fausto a Mephistopheles:

“Assim vai e livra-me deles
Conheces bem a pequena e bela
propriedade
que destinei aos velhos.”

Mas Mephistopheles, executando a ordem de Fausto, com toda pressa, incendeia a propriedade dos velhinhos com eles dentro.

Agora o caminho de Fausto está livre, aberto para a dominação total do mundo, e mesmo a cegueira não o impede, e ele dá a seguinte ordem aos seus assistentes infernais:

“Para que a mais portentosa obra se consuma,
É bastante um espírito para mil mãos;”

A divisão espírito — mão-de-obra é perfeita, uma divisão que, na opinião de Goethe, só pode provocar desgraça.

Cego, ele tem a visão de que esses trabalhos, cujo barulho ele está ouvindo, significariam a pacificação do mundo.

“Que deleite constitui para mim o ruído das enxadas.
É a multidão que está a meu serviço,
Que reconcilia a terra consigo mesma,
Que impõe limite às ondas,
Que submete o mar com fortes cadeias.”

Mas Mephistopheles sabe que estas fantasias de Fausto não são mais que loucura. Na submissão, as forças da natureza não podem ser pacificadas.

“Tu apenas te pões a nosso serviço
Construindo as tuas represas e os teus diques;
Pois já aprestas para Netuno,
O demônio das águas, grande banquete.
De qualquer forma estás perdido,
Os elementos conspiram conosco,
E tudo se encaminha para a destruição.”

E a visão do bom tirano Fausto que, querendo transformar o seu país num paraíso, um paraíso para gente ativa, o faz pronunciar a frase que, de acordo com o pacto dele com o diabo, fá-lo perder a imortalidade entregando a sua alma ao diabo:

Momento “não te vás, tu és tão belo!”

Com estas palavras Fausto despede-se da vida: e não será a sua vida cheia de atividades e de trabalho, que salva a sua alma do diabo, não a luta para o progresso, mas o amor.

Goethe termina a sua obra literária com uma crítica da crença burguesa no progresso técnico e num totalitarismo do racionalismo. Isso dificilmente poderia compreender-se no século XIX, que estava convencido desses valores.

Uma tendência para um misticismo de natureza, o elogio do amor que são significativos para a obra inteira — aproximam-no do romantismo do qual, apesar disso, ele sempre se mantém distanciado.

Uma crença incondicional na técnica e no progresso é para ele o reverso da medalha das idéias radicais-democráticas da Revolução Francesa.

Em oposição a essas idéias, ele mantém a visão duma ordem cósmica geral e natural, que não é evidente, mas que se realiza através duma sociedade educada.

Nessa hierarquia geral, cada um teria o seu lugar indicado pela tradição, pela situação social e pelas possibilidades reais.

Cada um teria, no seu lugar, a responsabilidade pelo todo e, convencido da sua justa posição, participaria na manutenção da ordem e no desenvolvimento do todo.

Chego agora ao fim da minha palestra. Tentei, na medida do possível, apresentar alguns textos de Goethe sem submetê-los a julgamento. Os senhores terão notado que o exame da criação literária de Goethe e de seus textos não é tarefa fácil. Mas alguns fatos podem ser constatados irrefutavelmente; primeiro, sua esperança numa aristocracia iluminista; segundo, a sua idéia da formação e da educação do povo simples por um grupo de alta formação, saído da nobreza e da burguesia; terceiro, a não aceitação da revolução francesa; quarto, a sua concepção da natureza que exclui a concepção burguesa de progresso técnico — apesar disso não é possível a fixação de um juízo definitivo; pois todos os conceitos e todas as idéias devem ser examinados dentro do contexto histórico e social, e, conforme a idéia que cada um faz desse contexto real, o juízo sobre as idéias de Goethe e o valor político delas vão diferir.

Se encararmos a história da recepção dos seus textos, vamos perceber que, se de um lado existe uma veneração ilimitada que o considera a encarnação do 'Weltgeist' (espírito do mundo) e o alemão mais importante de todos os tempos, por outro lado, lhe atribuíram Ateísmo, Materialismo, Anticlericalismo, Hedonismo, Aristocracismo. Tudo isso é motivo de admiração para uns e de ódio para outros.

É nisso se encontra, provavelmente, o valor essencial da contribuição de Goethe para a literatura alemã e para a literatura mundial: a confrontação com a obra e os textos dele nunca cessarão, tamanha é a sua complexidade.